

MÍDIA, RELIGIÃO E CLASSE SOCIAL

*Prof. Dr. Dalmer Pacheco**

Resumo: Sociedade de Controle, Normas Sociais, moral judaico-cristã e desvios de conduta pecaminosos. A dominação religiosa da Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil e o fortalecimento de identidade em detrimento das religiões de matriz africana. A estrutura clerical católica e os líderes religiosos da alteridade, estigmatizados pela cultura erudita. A Globalização e as reorganizações territoriais populares. As relações tribais como modos de enfrentamento. Cultura dominante e exclusão social. A opressão pedagógica, psicológica, sociológica e midiática. As perspectivas libertadoras e a (in) tolerância com as diferenças. Teologia da Marginalização na América Latina: a perspectiva dialético-popular. Evangelização, Liturgia, Ritos e classe social. As relações inter-religiosas efetivamente dialógicas e os monopólios da fala. As instituições austeras, a clausura, e o arrependimento: fórmula das indulgências.

Palavras-chave: Diálogo inter-religioso, Catolicismo, Candomblé e Umbanda, Mídia, Religião e Classe Social.

A proposta desta comunicação é analisar na perspectiva dialógica¹ as relações inter-religiosas da Igreja Católica com as religiões de matriz africana, O Candomblé e a Umbanda, a partir de uma visão da mídia, em especial a televisiva. Em um primeiro momento, verificamos que a Globalização veicula Cultura Hegemônica e privilegia um olhar europeu de religiosidade católica em detrimento das concepções culturais/religiosas dos indígenas e africanos.

¹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. O autor utiliza o referencial de luta de classe marxista e “batiza” o conceito de opressão e superação para que cada um possa ser-mais.

A Sociedade Disciplinar evolui para a Sociedade de Controle (FOUCAULT) e o modelo panóptico é adotado. Na época da colonização e “conversão” pelos jesuítas, a Nobreza e o Alto Clero que detinham as terras, o poder e eram os Senhores de escravos: a transgressão era punida com chibatadas, às vezes, até a morte. Na Contemporaneidade, a vigilância é constante e não identificada. Desta forma é que, de fato, surgiram “Culturas Híbridas” (CANCLINI). No caso das religiões no Brasil, hegemonicamente Européia e Católica. Estas são as Normas Sociais impostas e, portanto, devem ser seguidas. São as expectativas de conduta. Aqueles que desobedecem às regras são marginais ou desviantes (*outsiders*)².

A criação/fortalecimento da identidade é construída a partir da relação de antagonismo com a Alteridade. Isto significa dizer que fortalecemos o olhar católico identitário em detrimento de outro olhar desviante, como, por exemplo, do Candomblé e da Umbanda. Ainda hoje, na perspectiva além do ecumenismo (religiões cristãs), no diálogo interconfessional “a exemplo, recomendado pelo Vaticano. O Concílio Vaticano II nos exige uma postura de transformação: é o Sacerdócio comum dos Leigos. Somos responsáveis pelas posições da nossa Igreja: não é apenas responsabilidade do Clero e de Roma. Temos o dever de praticar o ideário da **partilha, solidariedade e projeto teológico libertador**” (PACHECO, 1999) e vivenciar o evangelho.

Ainda na Contemporaneidade, isolamos aqueles que nos incomodam por serem diferentes a exemplo do que faziam os judeus com os leprosos (o que não é muito diferente do que fazemos hoje ao isolá-los em vilas terapêuticas)³. Prevalece, ainda que escamoteada, a idéia de desvio-pecado, influência da moral judaico-cristã. Além do isolamento em casos de desvios patológicos, há também a clausura dos que contrariam as normas

²Em BECKER, 1977, o conceito é referência básica para compreensão do termo desviante para designar exclusão e preconceito.

³O Hospital- referência no Rio de Janeiro Curupaity, em Jacarepaguá, no tratamento poliquimioterápico da hanseníase mantém uma cidade isolada.

jurídicas. Convém lembrar que **a única clausura que não é compulsória é a das ordens religiosas:**

Estas obrigações, a que nos referimos, são coisas que os demais esperam que se cumpram. Isto é o que se chama de expectativas sociais suficientemente fortes e compartilhadas pela maioria, adquirem autoridade e se convertem em normas sociais. A variedade destas normas sociais não depende nem de que elas sejam justas, nem de que sejam inteligentes, nem de que sejam racionais. A sua validade depende do fato de que significam um padrão de juízo [...]. Elas permitem aos outros o direito de fazê-las valer e de aplicar uma sanção a quem as viole (CASTRO, 1983).

A questão é, efetivamente, de **relações sociais e simbólicas de poder e subalternidade** que refletem a correlação de forças dos papéis sociais, desde a Idade Média (Cf. MADURO, 1980 - Grifo nosso):

Por isso, a relação de cada classe social – em um momento histórico determinado – com o campo religioso ficará determinada não só pela posição estrutural desta classe na divisão social do trabalho (perspectiva estática) mas – também – pelo processo que levou este grupo a ocupar aquela posição (perspectiva dinâmica) (MADURO, 1980, p. 102).

Podemos constatar que são estabelecidos “**padrões de normalidade**” e não se convive com as divergências, com os diferentes. É o **Mesmo** que não quer se ver no **Outro**:

Todos os grupos sociais fazem regras e tentam, em alguns momentos e em algumas circunstâncias fazer com que elas sejam seguidas [...]. Quando uma regra é imposta, a pessoa que se supõe tê-la transgredido, pode ser vista como um tipo especial de pessoa, alguém que não se espera que viva segundo as regras com as quais o grupo concorda. Ela é vista como marginal ou desviante (BECKER, 1977, p.53).

A manipulação da identidade supostamente deteriorada vai, por conseguinte, depender se aquele desvio é revelado, posto de público e, diante da reação social daquele grupo ao ato desviante que pode passar a rotulá-lo, isto é, atribuir um **estigma**:

Todo desviante, portanto, é marginal, pois seu comportamento contraria as expectativas sociais. Dependendo do tipo de desvio, mais ou menos tolerável, o indivíduo é mais ou menos intensamente marginalizado. Quando o desvio é de conhecimento público – no caso de desvios morais, nem sempre são levados a público, descobertos, – o indivíduo é marcado, estigmatizado (PACHECO, 1988, p. 73).

O estigma constitui, portanto uma marca, via de regra de desqualificação, com o pressuposto do fracasso, de um atributo diferenciado depreciativo:

[...] um indivíduo pode ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode-se impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para com outros atributos seus. Ele possui um estigma, uma característica diferente da que havíamos previsto [...] (GOFFMAN, 1982, p. 54).

A dominação religiosa da Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil resulta no fortalecimento de identidade em detrimento das religiões de matriz africana., que são estigmatizadas em função da falta de escolaridade, de pactos demoníacos e estruturas clericais. A estrutura clerical católica é justificada e os líderes religiosos da alteridade, estigmatizados pela cultura erudita:

Podemos então definir o catolicismo popular como um conjunto de representações e práticas religiosas autoproduzidas pelas classes subalternas, usando o código do catolicismo oficial – os significantes – não lhes dá uma significação própria, que pode inclusive opor-se à significação que lhes é oficialmente atribuída pelos especialistas. O resultado é que o mesmo código religioso católico é diferentemente interpretado pelas diferentes classes sociais [...] (OLIVEIRA, 1985, p.135).

Surtem, como efeito bumerangue da Globalização, as novas territorialidades e alternativas de reorganização social, através de processos tribais repactuados. As relações tribais se constituem como modos de enfrentamento à Cultura dominante que promove todo tipo de exclusão social. A opressão pedagógica, psicológica, sociológica e midiática sufoca, via de regra, alternativas de olhar.

As perspectivas libertadoras ficam no campo da retórica e a (in) tolerância com as diferenças mostra-se evidente. Obviamente, travestida de libertadora. A recusa da Teologia da Marginalização na América Latina que contempla a perspectiva dialético-popular é posta de lado pela Renovação Carismática Católica onde não há espaço para o reino de Deus aqui na terra. A espiritualidade, o resgate do Santíssimo Sacramento, os Dons do Espírito Santo devem ser incentivados. Todavia, os mantras das “Linguagens dos Anjos” não podem apenas promover o êxtase sem vincular o ideário cristão com um projeto socialista de direitos humanos proposto pelo próprio Cristo.

A Igreja Católica de Ritual Romano, sem falar nas de rituais ortodoxos, é rica em sua liturgia que pode, vivenciada, representar a efetiva participação popular. Este deve ser no *modus operandi* da Evangelização. A Liturgia e os Ritos estão intimamente relacionados à classe social:

Nossa hipótese é de que as formas de representação social vão ser estabelecidas em função das diferentes concepções de análise da sociedade, promovendo rupturas que privilegiam os segmentos hegemônicos ou excluídos [...]. As posturas são mutuamente excludentes. As pautas comunicacionais ou estão a serviço das classes subalternas ou a serviço das classes hegemônicas. Nossa suspeita é que a classe dominante constrói **uma imagem alegórica sobre as Culturas Populares** (PACHECO In: SALDANHA, (Org.) 2006).

Basta observarmos a riqueza de simbolismo, muitas vezes desconhecidos dos fiéis, das celebrações solenes em nossa Igreja. O uso do turíbulo que, na verdade nem acólitos, nem Ministros, diáconos ou mesmos Presbíteros sabem fazer corretamente: o Ministro que, autorizado pelo sacerdote, incensa a assembléia e que se ajoelha durante a consagração das espécies e incensa três vezes as espécies simbolizando a Santíssima Trindade. O Sacerdote que deve, antes de começar a celebração, incensar o altar, ser incensado pelo Ministro e incensar a Mesa da Palavra. O Rito da Aspersão da água Benta também deve ser realizado com veemência simbólica.

A Vênia deve ser feita para O Santíssimo e/ou o altar e, necessariamente, à Mesa da palavra. Os leitores e comentarista devem, portanto, fazê-la.

Todos estes procedimentos são, dentro de nossa liturgia – sem falar nos paramentos – de fácil aceitação. Por que, todavia, não aceitamos os rituais de “limpeza dos caminhos” com incenso ou defumador para abençoar e pedir licença aos eguns – espírito dos mortos – para entrar na terra em que viveram como, por exemplo, na Serra da Barriga onde existiu o Quilombo dos palmares? A recusa do Alter, em função do Eu. A sacralização não é propriedade exclusiva da Religião Católica. A Escritura e as parábolas são “reveladas” e estão em nosso Livro Sagrado. Nas religiões afro-brasileiras a oralidade, Lendas e Mitos constroem a relação com os Orixás.

Se, de fato, queremos que as relações inter-religiosas sejam efetivamente dialógicas, não pode haver o monopólio da fala, com superioridade teológica, doutrinária ou clerical. Não se trata de conversão, mas de tolerância e compartilhar o que há de comum. O Cristianismo tem, por conseguinte, o compromisso com a **opção preferencial pelos pobres** e, obrigatoriamente, promover ações contra qualquer tipo de **marginalização**⁴.

Verificamos, então, que alguns aspectos são pressupostos para o **Diálogo-interreligioso**, para a perspectiva **dialógica / dialética** de nossa Igreja:

- 1- Existe uma múltipla visibilidade de Deus (BENTO XVI, 2005, p. 30);
- 2- A sacralização do *Eros*;
- 3- O amor pleno como realização simbiótica *Eros/Ágape*.

⁴ Segundo a CNBB – Exigências cristãs de uma ordem política, p. 12 e 13, “ser marginalizado é **ser privado do reconhecimento, da dignidade que Deus confia no homem**”

A compreensão das diferentes concepções e registros da Doutrina Católica em comparação às Doutrinas de Matriz Africana: Candomblé e Umbanda⁵:

1- Na concepção Católica os anjos são assexuados, enquanto que na formulação africana os Orixás têm definição de sexual e nos influenciam com a sensualidade;

2- A relação dicotômica entre o Bem e o Mal na formulação Católica (Deus X Lúcifer) cede lugar à perspectiva africana em que a relação é dialética (Exu como enviado e que pode proteger ou fazer o mal);

3- Os fundamentos do Catolicismo estão nas Sagradas Escrituras, escritas pelos evangelistas, à Luz da Revelação, isto é, inspirados pelo Espírito de Deus. Cristo usa de metáforas, como as parábolas. Já a cultura religiosa africana é oral, porém sacralizada através das lendas e dos mitos;

4- Nos dois casos, há liturgias e rituais, de forte significado simbólico da relação com a transcendência.

Como citamos ao longo de nosso trabalho, o discurso e a prática da Igreja católica não é, nem poderia ser, linear. É, de fato, dialética. O documento papal que fala sobre o Amor Cristão é o mesmo que nega o diálogo inter-religioso: “Todos os outros deuses não são Deus” (BECKER, 1997).

Temos a responsabilidade de ousar afirmar que **o sagrado não é um bem simbólico exclusivo da Igreja**. Está posta outra discussão importante, a ser abordada em outra ocasião: religião X religiosidade.

Nossa práxis passa pela necessidade de **Conversão de Classe** sobre a qual nos adverte Leonardo Boff (2005). Precisamos transcender às “religiões” para alcançarmos a “religiosidade” que,

⁵ Cf. PACHECO, Dalmer. *O Grito de Zumbi*. Vídeo (DVD) 6^o produzido na Serra da Barriga, no antigo Quilombo, em União dos Palmares, Alagoas e apresentado no VII Lusocom em Santiago de Compostela, Espanha, 2006.

no Brasil, é sincrética. Há uma recusa na concepção única do Deus Onipresente, Onisciente e Onipotente. A mídia, com certeza, contribui para o fortalecimento desta identidade cultural/simbólica/religiosa católica em detrimento da alteridade cultural/simbólica/religiosa africana. Em síntese, “A Paz de Cristo” que nos desejamos enquanto irmãos tem o mesmo significado que “Shalom” dito pelos Judeus e o “Axé” do Candomblé e da Umbanda.

Referências

- BECKER, Hoard S. Marginais e desviantes. *In:* _____. **Uma teoria da ação coletiva**. São Paulo: Zahar, 1977.
- BOFF, Leonardo. **Deus e a pós-modernidade**. Conferência. Juiz de Fora: UFJF, 2003.
- BENTO XVI. **Deus Caritas Est**. - Carta Encíclica Papal. Vaticano. Bento XVI. 2005.
- CASTRO, Lola Anyar de. Conceitos operacionais da sociologia da conduta desviada. *In:* _____. **Criminologia da reação social**. Trad. Ester Kosovski. Rio de Janeiro, Forense, 1983.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada, Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- MADURO, Otto. **Religião e luta de classes**. Petrópolis: Vozes, 1980.
- OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. **Religião e dominação de classe**: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1985
- PACHECO, Dalmer. O embranquecimento. *In:* _____. **Telenovela**: (in) o discreto charme da burguesia: desvio de conduta e merchandising de valores. Maceió: Edufal, 1988
- _____. **O Homo Symbolicus e o carnaval da elite**. Juiz de Fora: II Encontro Regional de Comunicação, 2004.
- _____. O Homo Symbolicus e o olhar alegórico sobre o popular. *In:* SALDANHA, Ana Paula (Org.) **Apontamentos midiáticos**. Maceió: NEPEC, INTERMÍDIA, UFAL, [s.d].
- _____. **Fala marginal (The Outsider Speech)?** Santiago da Compostela: VII LUSOCOM, 2006.

**Prof. Dr. Dalmer Pacheco*

Doutor em Comunicação e Cultura, professor da UFAL.